



Licenciatura em Espanhol

Teoria da Literatura I
Ana Santana Souza
Ilane Ferreira Cavalcante



O que é literatura

Aula 01



GOVERNO DO BRASIL

Presidente da República
DILMA VANA ROUSSEFF

Ministro da Educação
FERNANDO HADDAD

Diretor de Ensino a Distância da CAPES
JOÃO CARLOS TEATINI

Reitor do IFRN
BELCHIOR DE OLIVEIRA ROCHA

Diretor do Câmpus EaD/IFRN
ERIVALDO CABRAL

Diretora Acadêmica do Câmpus EaD/IFRN
ANA LÚCIA SARMENTO HENRIQUE

Coordenadora Geral da UAB /IFRN
ILANE FERREIRA CAVALCANTE

Coordenador Adjunto da UAB/IFRN
JÁSSIO PEREIRA

Coordenador do Curso a Distância
de Licenciatura em Letras-Espanhol
CARLA AGUIAR FALCÃO

TEORIA DA LITERATURA I

Aula 01
O que é literatura

Professor Pesquisador/conteudista
ANA SANTANA SOUZA
ILANE FERREIRA CAVALCANTE

Diretor da Produção de
Material Didático
ARTEMILSON LIMA

Coordenadora da Produção de
Material Didático
SIMONE COSTA ANDRADE DOS SANTOS

Revisão Linguística
ELIZETH HERLEIN

Coordenação de Design Gráfico
ROSEMARY PESSOA BORGES

Diagramação
HERBART MUNIZ DE AZEVEDO JUNIOR

Ilustração
MATEUS PINHEIRO DE LIMA

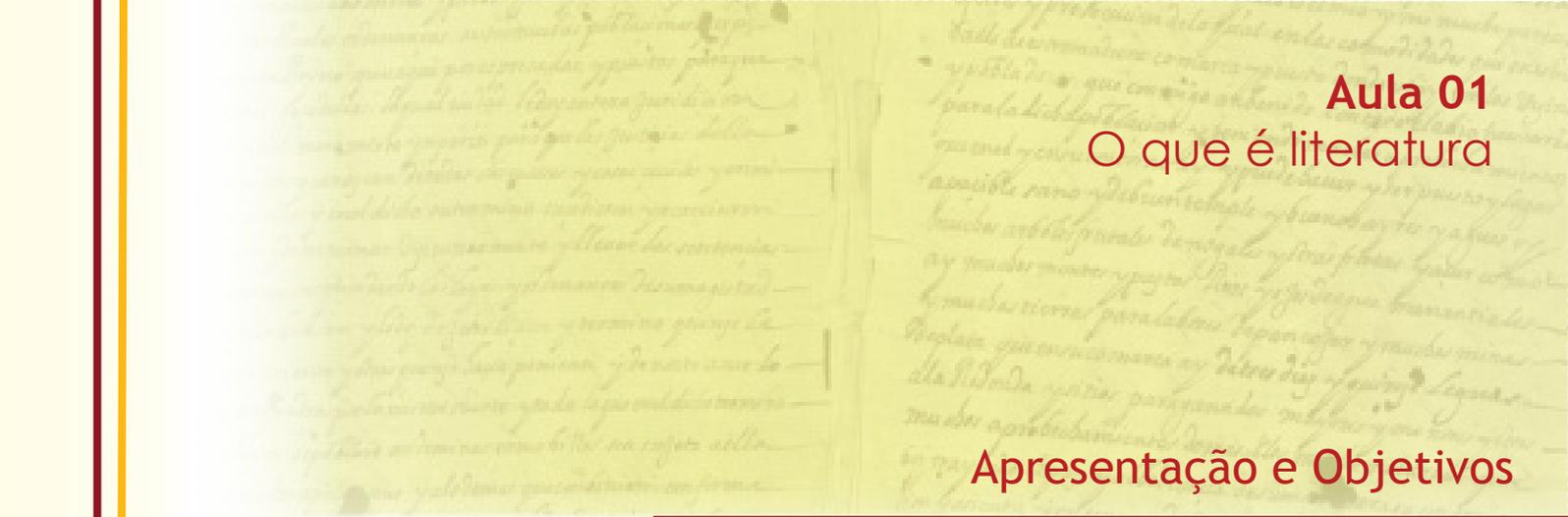
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Joel de Albuquerque Melo Neto CRB 15/320

C837i Souza, Ana Santana.
Teoria da literatura I / Ana Santana Souza, Ilane Ferreira
Cavalcante. Natal : IFRN, 2012.
Várias paginações : il. color.

ISBN 978-85-8333-032-5

1. Teoria da literatura. 2. Literatura – Estudo e ensino. 3.
Literatura – Conceito. I. Cavalcante, Ilane Ferreira. II. Título.

CDU 82.0



Aula 01

O que é literatura

Apresentação e Objetivos

Caro aluno, estamos iniciando os estudos sobre literatura. Nesta primeira unidade, discutiremos alguns conceitos básicos da teoria da literatura. Começaremos pelo conceito de literatura e seguiremos discutindo a formação do cânone. Em outras palavras, estudaremos o que é literatura e como se forma o conjunto das principais obras de um país ou da humanidade. Por que elas, e não outras, são consideradas literatura e merecedoras da indicação de leituras nas escolas?

Ao final desta aula, esperamos que você possa:

- reconhecer a relatividade do conceito de literatura;
- compreender a relação entre poder e formação do cânone literário;
- refletir sobre a seleção e indicação de textos literários no ensino de literatura.



Para Começar

Neste papel
pode teu sal
virar cinza;
pode o limão
virar pedra;
o sol da pele,
o trigo do corpo
virar cinza

(Teme, por isso,
a jovem manhã
sobre as flores
da véspera).

Neste papel
logo fenecem
as roxas, mornas
flores morais;

Todas as fluidas
flores da pressa;
todas as úmidas
flores do sonho.

(Espera, por isso,
que a jovem manhã
te venha revelar
as flores da véspera).

João Cabral de Melo Neto, *Psicologia da composição III*

O poema de João Cabral de Melo Neto nos apresenta um conjunto de imagens que retratam metaforicamente a composição literária, no caso dele, especificamente, ele o faz em forma de poema. O foco do poema é, justamente, a transformação do que é concreto e circunstancial em palavra poética. Nessa transmutação da coisa em ideia, o circunstancial fenece, ou seja, morre o passageiro e cristaliza-se a palavra, revelada com o passar do tempo, da noite do sonho, para a manhã da revelação, como ele coloca nos últimos versos.

A constituição da literatura e sua especificidade é o tema desta nossa aula. Vamos a ela?



1. O termo literatura

O termo “literatura” tem adquirido diversos contornos e conceitos ao longo do tempo. Hoje, ao pensarmos em literatura, na maioria das vezes, pensamos em um conjunto específico de textos que caracteriza uma nação, por exemplo, literatura espanhola, literatura brasileira, literatura argentina...

Mas nem sempre foi assim. De acordo com Aguiar e Silva (1979), a palavra literatura aparece nas línguas europeias ao longo do século XV a partir do termo latino *litteratura*. Em latim, significava instrução, saber relativo à arte de escrever e ler, ou ainda gramática, alfabeto, erudição, etc. Ou seja, com um uso bem mais genérico do que o que conhecemos hoje. Ainda nos séculos XVII e XVIII, quando se queria denominar o que hoje chamamos “literatura”, dava-se preferência a termos como *poesia ou belas letras*, ou mesmo eloquência, ao se tratar de textos em prosa. Somente na segunda metade do século XVII, o uso do termo vai sendo adaptado, primeiro, para designar uma atividade específica: a produção textual advinda do saber letrado (literatura médica, literatura matemática, por exemplo). Depois, ganha o sentido de conjunto de obras literárias de um determinado país, associado aí a um adjetivo (literatura inglesa, literatura alemã). Por fim, já no final do século, ganha o matiz semântico de fenômeno literário geral, não necessariamente de um país ou de uma língua, mas criação estética.

Mas conhecer a origem e a evolução semântica do termo não necessariamente nos auxilia a saber o que é realmente literatura, não é mesmo? Ajuda-nos, no entanto, a observar como uma conceituação é difícil, haja vista, a multiplicidade de aplicações e usos que o termo sofreu ao longo do tempo e que carrega consigo até hoje. De qualquer forma, perguntemos:



Fig. 01 - Foto de um dos pisos de uma galeria do museu da língua portuguesa (São Paulo/Brasil). Cada piso possui um trecho de um poema. Este é de A procura da poesia, do livro A rosa do povo (2003), de Carlos Drummond de Andrade.

1.1 O que é literatura?

Essa é uma pergunta que aflige a muitos. Professores, críticos e poetas procuram definir o que é poesia. Carlos Drummond de Andrade, em *Procura da poesia*, penetra surdamente no reino das palavras e revela: “o canto não é a natureza / nem os homens em sociedade”. E você, se alguém lhe perguntasse “o que é literatura?”, o que você responderia? Pense um pouco e procure responder antes de continuar lendo este texto. De preferência, anote sua resposta para retomá-la no final desta unidade.

No campo da teoria literária, a questão “o que é literatura?” é uma das mais presentes e mais difíceis de responder. Não faltou na trajetória dos estudos literários quem tentasse estabelecer normas ou modelos disciplinadores do julgamento da obra literária. Para Aristóteles, em sua *Poética*, o valor da obra literária estava diretamente ligado ao referente, ou, para dizer de outro modo, à sua competência para a representação da realidade. Daí a *mimesis* e a verossimilhança compõem os critérios de identificação dos gêneros considerados maiores, na visão aristotélica: tragédia e epopeia. Aristóteles excluía o gênero lírico por este depender do eu do poeta. Já a ficção, como imitação do real, era valorizada. Por outro lado, no início do Século XX, o **formalismo russo**, aplicando a linguística aos estudos da literatura, advoga o primado da linguagem na valoração da obra literária. Para eles, a **literariedade**, isto é, aquilo que determina se uma obra é literária ou não, está na forma, no uso que o autor faz da língua e não no conteúdo ou na sua relação com a realidade, o contexto. E qual seria a linguagem considerada literária pelos formalistas russos? A linguagem que se distanciava do uso comum. Assim, a **desfamiliarização** e o **estranhamento**, seriam itens de avaliação da literariedade da obra. Desse modo, seria literatura o texto que usasse uma linguagem estranha e não familiar ou coloquial.

Esses modos de pensar sobre o que é literatura ilustram bem os caminhos diversos pelos quais seguiram a tradição crítica. Antônio Compagnon, em *O demônio da teoria* (2001), sugere a substituição da questão “o que é literatura?” por “quando é literatura?”. A primeira questão parece remeter a uma essencialidade do literário, identificada por características fixas, permanentes, imutáveis. Já a segunda aponta para uma relatividade dessas características.



Fig. 02 - Haroldo

Ao mudar a questão para “quando é literatura?”, o contexto passa a ser considerado na hora de estabelecer o conceito de literatura, pois os critérios que estabelecem a dita literariedade variam de época para época. Por exemplo, *O Guesa*, poema épico do século XIX, de autoria do maranhense Sousândrade, foi, em seu tempo, pouco ou nada valorizado. Nos anos de 1960, Haroldo e Augusto de Campos fizeram uma revisão da obra do poeta romântico e a consideraram como antecipadora das ideias modernistas de Oswald e Mário de Andrade. E o que dizer dos escritos de mulheres, relegados ao sótão sem obterem a atenção da crítica que lhes era contemporânea? Somente com a crítica feminista, essas obras foram revistas e valorizadas como literatura.

FORMALISMO RUSSO

Corrente de crítica literária que, de 1914 a 1930, desenvolveu na Rússia uma abordagem dos textos literários focada na forma. Você terá maior contato com o formalismo em aulas posteriores. Se quiser complementar a informação, leia CEIA, Carlos. E-dicionário de termos literários, disponível em:

http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/F/formalismo_russo.htm

É o caso do romance *Úrsula*, da maranhense Maria Firmina dos Reis, primeira romancista brasileira afrodescendente, situada no período romântico. Somente na atualidade, alguns trabalhos acadêmicos enfocam a produção da escritora.

Diante do exposto, parece que “não há essência da literatura, ela é uma realidade complexa, heterogênea, mutável” (Compagnon, 2001, p. 44). Desse modo, o conceito de literatura depende dos valores da crítica e esta se guia pelos mais diferentes entendimentos no tempo e no espaço. Como afirma Compagnon (2001, p.44), “uma definição de literatura é sempre uma preferência (um preconceito) erigido em universal”. São valores relativos, portanto. Mas são eles que estabelecem o cânone literário, isto é, o conjunto das principais obras literárias, consideradas universais, ou o conjunto de principais obras de um determinado país, o cânone nacional. Sendo assim, discutir sobre o que é literatura demanda discutir sobre a questão do cânone. Esse é o assunto do próximo tópico, mas primeiro, que tal parar um pouco e refletir sobre o que você já viu até agora?

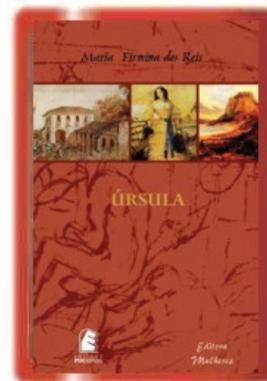
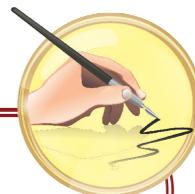


Fig. 03

Mãos à obra



1. Pesquise sobre a evolução e outros sentidos possíveis para o termo literatura.

2. Para você, o que é literatura? Faça uma breve reflexão sobre essa questão, pesquise textos sobre isso e elabore um breve conceito.

2. A questão do cânone

O Cânone Ocidental, apesar do ilimitado idealismo dos que gostariam de abri-lo, existe precisamente para impor limites, para estabelecer um padrão de medida que é tudo, menos político e moral. (...) O conhecimento não pode prosseguir sem memória, e o Cânone é a verdadeira arte da memória, a autêntica fundação do pensamento cultural. (BLOOM, 1995, p. 42)

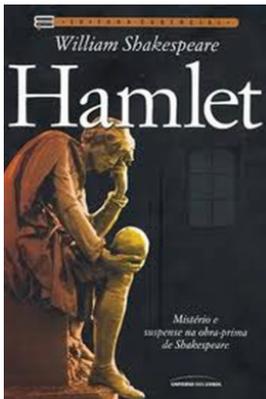


Fig. 04 - Hamlet.

Harold Bloom, autor da citação acima, é hoje um dos maiores defensores do Cânone, tanto que escreveu um livro intitulado O Cânone Ocidental, em que elabora uma lista dos principais escritores do ocidente. Questionável e discutível, o cânone definido por Bloom engloba grandes autores e obras, mas não pode ser considerado definitivo ou completo. De qualquer forma, você sabe o que é cânone?

Originalmente, o termo cânone designa o conjunto de livros definitivos da Bíblia cristã. Por extensão, o cânone literário é o conjunto de obras definitivas da humanidade, aquelas consideradas clássicos ou obras-primas porque trata de valores humanos

essenciais, devendo, por isso, serem estudadas e transmitidas de geração em geração. O cânone está, portanto, ligado à questão do valor literário da obra. Desse modo, quando pensamos em literatura, logo pensamos em livros de Cervantes, Shakespeare, Machado de Assis ou Pablo Neruda.

Essas lembranças, ou outras semelhantes, nos chegam, geralmente, como sinônimo do conceito de literatura. Antes de pensarmos sobre o que é literatura, pensamos nas obras que conhecemos como literárias. São aquelas reconhecidas

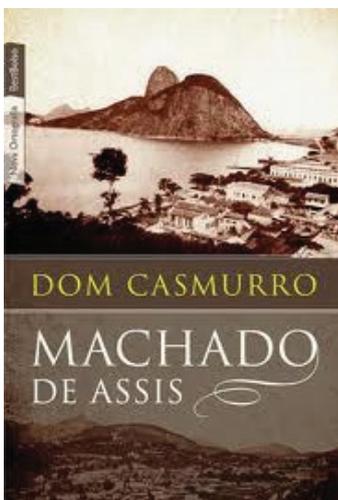


Fig. 06 - Dom Casmurro.

pela crítica como tendo algum valor literário. Nosso universo de leitura é formado, quase sempre, por produções que nos foram indicadas por professores ou outros leitores mais experientes, e estes, por sua vez, se orientaram por listas elaboradas pela tradição crítica, pela história da literatura. E assim, a lista de obras que devem ser lidas pelo público vai passando de geração para geração, sofrendo apenas uma ou outra alteração. O que a escola indica hoje como leitura obrigatória ainda é a mesma de décadas atrás. A lista coincide com a que é proposta pelos livros didáticos e esses se guiam pelos manuais de história literária. Desse modo, todos se sentem seguros de que promovem o ensino de literatura com as obras indispensáveis à boa formação do aluno.



Fig. 05 - Canto general.

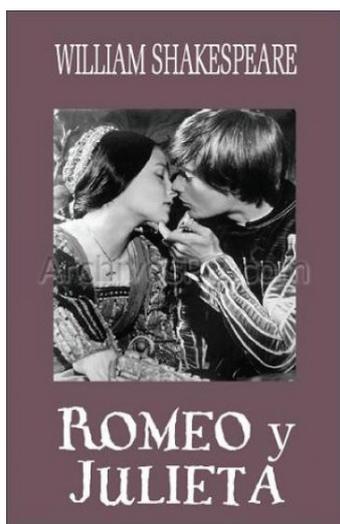


Fig. 07 - Romeo y Julieta

Quando o assunto é literatura, é comum que professores de literatura brasileira se lembrem de obras nacionais, aquelas que constam nos manuais de literatura. Provavelmente, quando você, leitor, foi questionado, no início desta unidade, sobre “o que é literatura?”, veio-lhe à mente a imagem de obras consagradas da literatura brasileira, como as ilustradas aqui. Mas, quando se trata de cânone universal, as obras brasileiras ficam de fora, com exceção de um Machado de Assis. De qualquer forma, se vieram a sua mente obras de outras nacionalidades, certamente, foram obras também consagradas, canônicas, dessas consideradas como clássicos da literatura universal, como *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, ou *Dom Quixote*, de Cervantes.

Evidentemente, existem obras que não nos vêm à mente porque sequer ouvimos falar delas. Isso, em grande parte, se relaciona com a formação do leitor que, muitas vezes, é precária. Por outro lado, muitas não nos chegam porque são esquecidas pela crítica, para não dizer desprezadas, consideradas sem valor literário. Os motivos para tal desprezo são vários. Considerando esses aspectos, Flávio Kothe, em *O cânone colonial* (1997), entende que o cânone deve ser lido como exclusão e esta, como preconceito. Para o autor, o cânone é estabelecido por uma elite que despreza a produção dos que não fazem parte dela. Segundo Kothe (1997, p. 89): “o cânone deslocou a sua formação conforme os centros de poder e da economia: só onde havia poder e dinheiro foi possível produzir literatura canonizável”. O autor refere-se ao cânone colonial, mas podemos tomar sua assertiva para compreender a formação do cânone em outros tempos e lugares. Assim, na literatura ocidental, as obras ditas universais são eleitas por critérios eurocêntricos. Do mesmo modo, o cânone nacional é estabelecido pelos setores importantes na produção econômica do país.

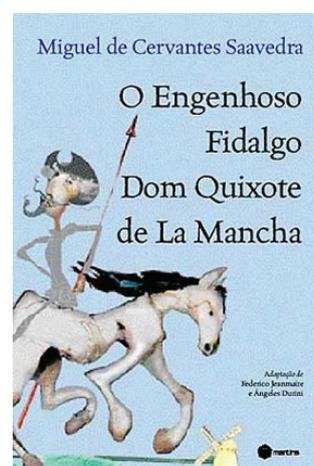


Fig. 08 - Dom quixote.

Mas a questão não é tão simples. Para Leyla Perrone-Moisés, em *Altas literaturas* (1998), as posições “politicamente corretas”, a exemplo da assumida por Kothe, prejudicam o cânone porque julgam as obras pelo seu engajamento social e não pelos critérios literários. Mas o que são esses critérios literários? Existe mesmo uma especificidade do texto literário, uma literariedade, como querem os formalistas russos? Como deve ser a linguagem literária? Difícil e estranha? Diferente da linguagem cotidiana? Se for isso, como considerar literária a linguagem dos modernistas brasileiros Oswald de Andrade e Manoel Bandeira, por exemplo, que, preferencialmente, tomavam como poética a linguagem do cotidiano? Desse ponto de vista, seria literária uma linguagem que ultrapassa a fronteira da palavra, a exemplo do poema concreto *Cubogramas*, do livro *Caixa Preta* (1975), de Augusto de Campos e Júlio Plaza (1975)?

Ou será que causa tanto estranhamento que, por isso, é literatura? Então não

seria literatura o poema *Ensino*, do livro *Bagagem* (1991), de Adélia Prado, cuja linguagem é bem familiar?



Fig. 09 - cubogramas

Minha mãe achava estudo
a coisa mais fina do mundo.
Não é.
A coisa mais fina do mundo é o sentimento.
Aquele dia de noite, o pai fazendo serão,
ela falou comigo:
"Coitado, até essa hora no serviço pesado".
Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água quente,
Não me falou em amor.
Essa palavra de luxo.

E o que dizer da literatura de cordel? É uma leitura que deve ser incluída no cânone, isto é, deve ser considerada como leitura indispensável? Ou sua linguagem popular a exclui da lista de obras fundamentais?

Evidentemente, as obras não podem ser erigidas ao patamar de consagradas apenas porque apresentam uma linguagem estranha, difícil, somente acessível aos iniciados. Entretanto, desprezar o modo de articulação da língua na análise da obra que usa a palavra como matéria prima é o mesmo que apreciar um quadro sem prestar atenção nas cores, nas texturas, nos usos que o pintor fez da tinta. A obra literária é uma manifestação elaborada da língua, mas, por si só, esse elemento não é suficiente para compreender o fenômeno literário. Na tradição



Fig. 10 - Cordel

historiográfica, as produções das classes subalternas têm sido excluídas e não se pode garantir que essa exclusão se dá exclusivamente por critérios literários, afinal, se tais critérios são formulados por uma elite, a exclusão não se daria já a partir do estabelecimento desses critérios?

Por outro lado, segundo Perrone-Moisés (1998, p. 194), “a abertura ao anteriormente excluído acarretaria a exclusão curricular de grandes áreas do saber”. A preocupação da autora é que, privilegiando o critério da inclusão social, grandes clássicos da literatura universal sejam excluídos das leituras escolares, suprimindo o estético na formação do leitor, a quem, desse modo, estaria sendo negado o acesso ao conhecimento amplo e irrestrito. A autora se refere aos chamados **estudos culturais** que – a partir dos anos de 1950 – vêm, progressivamente, ampliando os interesses

de parte da crítica literária, cujo escopo deixa de ser meramente formal e volta-se, principalmente, para os aspectos sociais da obra. Para críticos como Perrone-Moisés, isso significa a morte dos estudos da forma literária, ou da especificidade literária. Para os defensores dos estudos culturais, a dicotomia texto/contexto é falsa, pois a forma social é intrínseca à forma estética (sobre esse assunto, voltaremos a discutir em outra unidade).

ESTUDOS CULTURAIS

Campo da pesquisa acadêmica que procura situar os produtos culturais em relação às estruturas sociais. Além disso, os estudos culturais não privilegiam, como objeto de estudo, os produtos culturais celebrados pela elite intelectual e artística.

Complemente a informação, lendo CEIA, Carlos. E-dicionário de termos literários, disponível em: http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/E/estudos_culturais.htm

De qualquer forma, o que parece certo é que a formação do cânone deve ser observada com desconfiança, o que não significa que deve ser ignorado. Que todo cânone é excludente, isso é uma verdade. Mas ele pode ser menos fechado e restritivo, sujeito a alterações mais comumente do que tem sido. Para isso, o papel do leitor é fundamental. O professor, ao selecionar as obras que indicará aos seus alunos, deve pensar com profundidade sobre essas questões. Somente assim, ele pode evitar incorrer no risco de orientar leituras que pouco ou nada contribuirão com a formação do jovem leitor. Em sua experiência como aluno e leitor, que obras você considera

mais relevantes? Em sua prática como docente, que obras você considera fundamentais para a leitura de seus alunos? Pense nisso!

No livro *Por que ler os clássicos*, o escritor Ítalo Calvino determina 14 razões para ler os livros que são considerados clássicos. Mas ele inicia justamente discutindo, o que são clássicos. Para ele: “Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: “Estou relendo...” e nunca “Estou lendo...” (CALVINO, 2009, p. 13). Isso se dá porque o clássico é sempre um livro que reverbera em outros textos e, muitas vezes, estamos lendo um livro recente, assistindo a um filme ou a uma novela e nem sabemos que aquele texto se baseia em um clássico. Por isso, mesmo ao ler pela primeira vez o clássico, você o reconhecerá de outras leituras.

Além disso e sob outro ponto de vista, Calvino lembra que toda releitura de um clássico é uma leitura nova, visto que somos sempre capazes de extrair deles novas ideias, novos aspectos, ou mesmo estabelecer novas relações com outros textos. Não é à toa que os clássicos mantêm-se na memória e são sempre reeditados, relidos, refilmados ... Para Calvino, "a escola deve fazer com que você conheça bem ou mal um certo número de clássicos dentre os quais (ou em relação aos quais) você poderá depois reconhecer os 'seus clássicos'" (2009, p. 22). Ou seja, a escola tem a função de instrumentalizar o seu conhecimento quanto ao que existe de mais relevante na literatura, essa relevância, evidentemente, é estabelecida não só pelo Cânone, mas pelo próprio professor, visto que é ele, em geral, aquele que escolhe o que será lido e investigado.

Assim, a responsabilidade do professor está em oferecer ao estudante o acesso ao conhecimento dos clássicos e dar-lhe opção de escolha para que ele, depois, estabeleça os "seus" clássicos, ou seja, aqueles com os quais ele mais se identifica. Pois, indica o próprio Calvino, "as escolhas que contam são aquelas que ocorrem fora e depois de cada escola." (CALVINO, 2009, p. 22). Em sua experiência como aluno e leitor, que obras você considera mais relevantes? Em sua prática como docente, que obras você considera fundamentais para a leitura de seus alunos? Pense nisso!



Mãos à obra

1. Faça um exercício de memória e elabore uma lista com aqueles livros que você considera mais relevantes em sua trajetória como leitor. Não são muitos? Não se preocupe. Agora, elabore uma lista daqueles livros que você considera fundamentais para a sua formação a partir de hoje.

Mas não pare por aí. Lembre-se de buscar esses livros, de lê-los e guarde a sua lista, sempre que ler um livro dos que estão lá, marque-o como lido e faça alguma apreciação sobre ele. Você gostou? Não gostou? Por quê?

Autoavaliação



Leia o texto *Cânone e valor*, de Flávio Kothe, que compõe a nossa pasta de leituras complementares.

Lembre-se: A atitude de leitura recomendada é aquela que se dá em rede. Um texto leva sempre a outros textos, de modo que um vai complementando os vazios do outro. Por isso, ao ler, procure informações nas referências que o próprio texto indica ou em outras que uma pesquisa espontânea poderá oferecer.

No final desta aula, você encontrará referências para leituras complementares que aprofundarão seus conhecimentos sobre os assuntos aqui tratados.

1. Após a leitura do texto de Kothe, resuma as ideias principais do autor.
2. Elabore, então, um texto em que, a partir de todos os seus estudos sobre o assunto, você demonstre sua compreensão e sua posição sobre o que é literatura e sobre a formação do cânone. Em seguida, compare com a resposta que você anotou no início desta unidade sobre o que é literatura.
3. Por fim, reflita sobre o seu repertório de leitura literária, veja em que ele poderia ser ampliado, pesquise sobre textos literários que você acredita que devem ser lidos e inclua-os numa lista contendo título, autor e um pequeno resumo de obras a serem lidas. À medida que for lendo os livros listados, assinale-os com um V para indicar que foram lidos e com dois VV para indicar que são adequados para alunos do ensino básico.

Já sei!



Nesta aula, você conheceu a origem e as diversas mudanças de sentido por que passou o termo literatura, compreendeu que, em parte por isso, é difícil estabelecer um conceito ou uma definição específica para esse termo e viu que a compreensão desse conceito de literatura passa pela definição e discussão sobre o que é cânone e até que ponto ele deve ser mantido ou ampliado.



Um passo a mais

No texto abaixo, você pode acompanhar uma discussão sobre o que forma o cânone.

SOUZA, Ana Santana. A fortuna crítica e a questão do cânone. In: ____ **A nação guesa de Sousaândrade**: uma narrativa em viagem. São Luís: AML/EDUEMA/FSADU, 2008.



Referências

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. **Teoria da literatura**. 8 ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BLOOM, Harold. **O cânone ocidental**. 4 ed. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. In: ____ Por que ler os clássicos. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 9-16.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Penguin, 2009.

CAMPOS, Augusto de; PLAZA, Júlio. **Caixa preta**. São Paulo : edição dos autores, 1975.

CEIA, Carlos. **E-dicionário de termos literários**. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/>

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Tradução de Cleonice P. B. Mourão, Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

EAGLETON, Terry. O que é literatura. In: ____ **Teoria da literatura**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 1-22.

KOTHE, Flávio René. Cânone e valor. In: ____ **O cânone colonial**: ensaio. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997. p. 103-140.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas**: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PRADO, Adélia . Bagagem. In: ____ **Poesia reunida**. São Paulo: Siciliano, 1991.

Fonte das figuras

Fig. 01 - http://2.bp.blogspot.com/_30i1SslPDIA/R_waKpMpCII/AAAAAAAAAMc/F2wS--1eG5g/s200/penetra.jpg

Fig. 02 - <http://www.eutomia.com/images/cronicainferno01.png>

Fig. 03 - http://www.editoramulheres.com.br/imagens/bk_ursula.jpg

Fig. 04 - <http://marchaparaoeste.blogspot.com.br/2010/04/hamlet.html>

Fig. 05 - disponível em: <http://www.amazon.com/Canto-General-Pablo-Neruda/dp/0520054334>

Fig. 06 - <http://www.sinopsedolivro.net/livro/dom-casmurro.html>

Fig. 07 - <http://shadowykisses.blogspot.com.br/2011/09/resena-romeo-y-julieta-william.html>

Fig. 08 - http://extramq.marioquintana.com.br/projetos/projetos/arquivos_leitura/DomQuixote2.jpg

Fig. 09 - http://www2.uol.com.br/augustodecampos/06_03.htm

Fig. 10 - http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/rack-cordel_1213370309.jpg